2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 2. QUINTA FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1850. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ASSOCIAÇÃO OU MONOPOLIO?

13 As lavoiras do vinho e dos cereaes são os elementos primarios da nossa riqueza nacional.

Esta verdade, que é uma crença para todos, devia constituir, ha muito, uma das bases do nosso systema governativo.

É um erro o olhar para certas e determinadas cifras da receita publica, e querer que ellas só augmentem pelo augmento parcial do imposto.

Desafrontae um pouco o lavrador — alargae a cada um a cadêa com que o prendeis ao cofre do Thesouro, e vereis que o bem estar de todos vos engrossará a verba geral da receita do Estado, em muito maior escala do que o fazem os errados principios, em que repousa o vosso systema tributario.

Em quanto os diversos partidos politicos não vem a um accordo sobre o que mais urge fazer, ácerca dos nossos interesses agricolas, é mister que a lavoira encontre, no principio da associação e na imprensa, a parte do soccorro de que tanto carece.

O cuidado que, ha já tres annos, dedicamos ao estudo dos interesses da nossa agricultura, nos faz crêr, que a instituição, no paiz, de verdadeiras associações agricolas, similhantes á sempre benemerita — Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense — seria um dos factos mais importantes da nossa historia economica.

Os interesses agricolas não se conhecem, não se encontram, nem se discutem, e para bem do paiz, é preciso que esta situação vaga e desconhecida acabe, e quanto antes. Pelo que diz respeito á *imprensa* — se os meios de que dispomos fossem tão largos como o nosso dezejo, poderiamos contar com o nosso jornal, como um dos auxiliares que a agricultura carece neste campo da iniciativa e da discussão.

O que lhe podemos offerecer, com segurança, é um verdadeiro desejo pela sua prosperidade, e um continuo cuidado pelos seus interesses, que são os do paiz inteiro.

Ao passo que vamos avançando no caminho da imprensa, mais nos vamos convencendo do dever que temos de estudar todos os pontos de que depende o incremento da nossa agricultura, e mais desejamos que os nossos rogos, tantas vezes dirigidos aos agricultores, fossem ouvidos — e que as suas opiniões — as suas idéas praticas, chegassem ás nossas mãos para podermos documentar o nosso constante bradar em seu favor.

Uma noticia importante nos despertou as idéas que deixamos apontadas.

Parece que se tracta de formar uma associação entre os principaes negociantes exportadores de vinho.

Diz-se que são as seguintes as vantagens que essa associação offerecerá: —

Evitar com a auctoridade dos nomes dos associados as fraudes, que no mercado estrangeiro desacreditam por vezes o nosso genero:

Calcular proximamente o consumo externo, e conservar no mercado estrangeiro um preço regular, que obste ás subitas alternativas — da alta e da baixa:

Accudir ás crises do mercado interno, mantendo um preço rasoavel, segundo a abundancia

ou escassez da colheita, e conforme a qualidade do vinho manufacturado.

Não sabemos coisa alguma sobre a organisação e o pessoal desta projectada associação; mas basta que esses seus tres principios fundamentaes se publicassem pela imprensa, para que seja nosso dever provocar, sobre o ponto, as explicações de que se carece, para se poder abrir a discussão que tal projecto exige.

No — mercado — o negociante não póde deixar de ser o inimigo do lavrador, e a exageração deste facto chega a ponto, que por vezes — como dizia um dos nossos antigos Ministros de Estado: — o negociante mata a gallinha que lhe dá os ovos de oiro.

Na — associação — o negociante deve ser o amigo, o irmão do lavrador. Se este fôr o principio fundamental da nova associação, seremos seus defensores e adeptos — se o não fôr — não.

Seremos explicitos e francos.

A agricultura vinhateira geme, ao presente, debaixo do peso dos seguintes erros: —

Contribuição irracional e vexatoria do subsidio litterario:

Desegualdade da contribuição directa chamada — decima:

Exageração espantosa das contribuições municipaes:

Direitos de exportação:

Parte fiscal dos pesados direitos da Alfandega das Sete Casas.

O genero que se não definha pela acção de taes erros, e que hade pagar para o capital o juro de 12 ou 18 por cento, dobra ainda o custo da producção no transito que faz pelas nossas imperfeitas e pessimas communicações.

Na presença desta situação lamentavel, o pensamento, a que nos referimos, póde ser um auxilio poderoso para os nossos vinhateiros, ou um monopolio para mais os desgraçar.

Foge-nos o pensamento desta hypothese — não a queremos suspeitar, nem acreditar, mas julgâmos dever de consciencia o instaurar uma discussão proficua sobre a projectada associação, da qual seremos o primeiro promotor e defensor, logo que o desenvolvimento das idéas em que assenta, nos demonstre, que é um desses meios que tanto desejâmos vêr adoptados, para o mui urgente augmento dos nossos interesses agricolas.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CHRONICA AGRICOLA.

14 As noticias do Minho confirmam os receios que havia, ácerca da escassez da colheita do vinho naquella provincia. — Não só a quantidade do fructo é pouca, mas a sua qualidade é inferior á colheita antecedente. O preço do vinho tem geralmente subido, e no Minho consta que se está pagando vinho que não é da provincia, de 24:000 rs. a 33:600 rs. Um *lavrador* do Minho, escrevendo ao *Nacional do Porto*, calcula o consumo de vinho da Beira e do Douro na provincia para o corrente anno, em 60 mil pipas, e acertadamente lembra que o Governo deve empregar a mais vigilante fiscalisação para que a importação pelas barras de Vianna e de Caminha, não possa servir de vehiculo ao contrabando dos vinhos hispanhoes.

No mercado de Monte-mór-o-velho, a 11 do corrente, o preço dos cereaes por alqueire, regulou o trigo tremez a 460 rs., branco 360 — milho 250, cevada 240. — O azeite sustentou o preço de 2:400.

Noticía o *Nacional*, que a casa dos Srs. Havris e C.ª, comprára á do Sr. J. B. Ferreira 200 pipas de vinho de 85:000 a 120:000 rs.

Tendo fallado em o numero anterior de um importante melhoramento no fabrico do azeite introduzido vantajosamente pelos Srs. Almeida Silva e C.ª, da rua dos Fanqueiros n.º 164, por essa occasião dissemos que a exportação deste producto deveria ser objecto de serio estudo, e hoje o provaremos pela seguinte nota do que se despachou por sahida na Alfandega Grande de Lisboa nos annos de 1840 a 1848.

	Almudes
1840	21:150
1841	12:090
1842	50:975
1843	30:923
1844	35:177
1845	116:890
1846	38:089
1847	22:413
1848	81:193
Total em 9 annos	408:900

De Traz-os-montes as noticias agricolas dão esperanças de má colheita de uva, e os cereaes conservam preços altos, regulando o milho a 340 e o centeio a 320.

Tem subido o preço da agua-ardente, e no Norte houve vendas a 130:000 a pipa.

Um nosso correspondente de S. Miguel, pessoa para nós de muito credito, nos obsequeia com a seguinte carta, que neste logar publicamos para esclarecimento da publicidade que demos a uma noticia, que vimos garantida pelos jornaes das Ilhas.

«Vendo eu que V. confiando-se no que appareceu nas folhas desta Ilha, ácerca do remedio para destruir o bicho das larangeiras, descoberto por Domingos Monteiro Torres, inserira na REVISTA dois artigos, que pelo serem n'um jornal tão acreditado, deram por lá caracter serio á descoberta, e sentindo muito que V. por menos informado, o fizesse, tómo a liberdade de o esclarecer sobre a verdadeira posição deste negocio.

O inventor da receita é um proprietario, sem curso algum completo em qualquer sciencia, que o eu saiba. Fez a sua experiencia com a cal e sebo, denunciou-a nos periodicos, assegurando feliz resultado, em tres communicados que fez estampar cada semana em todas as tres folhas.

A commissão legal para a destruição do insecto, nomeou outra d'entre si, para examinar a invenção. Basta dizer a V. que um dos resultados foi achar o bicho de perfeita saude debaixo de uma camada do tal composto que elle tinha applicado havia quatro mezes; o caso tomou um aspecto ridiculo. Ora os jornaes daqui não o desmentiram, porque os entendidos assentaram que não valia a pena, e os outros não se quizeram involver em tal.

Eis o quanto se me offerece a dizer a V.»

O Sr. Giraldo José da Cunha, negociante portuguez, residente no Rio de Janeiro, deu mais uma prova do seu louvavel patriotismo, remettendo para o Porto uma porção de semente de linho de fiar, de canhamo de Riga, e de Pinheiro de Flandres. A distribuição faz-se no Porto na rua nova dos Inglezes n.° 86, 1.° andar.

Quem de tão longe se lembra da patria, e da sua paralisada agricultura, merece os maiores louvores, e a mais geral estima.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CAMARAS MUNICIPAES.

15 Assim como a familia é a base de toda a Sociedade civil, assim tambem as contribuições dos municipios devem servir de pharol para as contribuições geraes, que se devem arrecadar para o Estado, este municipio de todos os municipios. Está na quota parcial que o camarista derrama no municipio, para seu costeio, a revelação inchoada do tributo geral, que o financeiro poderá pedir nesse mesmo municipio, para o costeio do Estado. Essa revelação deduz-se de que, sendo a acção do concelho circumscripta á área delle, alguns são de menos de 2 leguas, e os maiores não excedem a 25 leguas, ou 5 leguas de raio, ou tanto em todas as direcções, como de Lisboa a Villa Franca, raro será o visinho que poderá esconder ao conhecimento da sua respectiva Camara, a arresoada somma dos seus rendimentos, ou o montante dos seus capitaes prediaes, ou a industria em fim donde tira a sua subsistencia. Admittido, porém, que fosse facil a dissimulação na fortuna dos particulares, residindo estes em povoados que não excedem a 4,500 fogos, limitando-se a maior parte desses mesmos povoados a muito menos de 2,000 fogos, ainda nos restavam as contribuições indirectas, que ahi são lançadas, e ahi tem applicação, as quaes sendo facultativas para o consumidor, indicam peremptoriamente os meios dos respectivos municipios para poderem consumir, e por tanto a sua riqueza, porque sem esta não ha consumos, e porque esta é que regula a medida delles. Estão pois, attendendo á sua origem, nos orçamentos municipaes, senão todos, muitos dos fundamentos, para se poder arbitrar, com discrição, o orçamento nacional. Estas vantagens, que offerecem estes orçamentos feitos em familia aos grupos por todo o Reino, vantagens que equivalem a uma chave que nos dessem de todas as nossas forças ruraes, não tem servido de utilidade alguma administrativa até agora, e apenas se publicaram pela primeira vez no ministerio de 1845, pelo Conde de Thomar, então Costa Cabral, tão valiosos documentos. As informalidades que os deturpam, são bastas, não sendo necessario dizer mais para o provar, do que consistindo estes mappas municipaes n'uma escripturação, pelo methodo de contas correntes, de receita e despeza, não ha uma só dessas contas que balancêe o seu debito com o seu credito! Esta incurialidade é preciso, porém, passar por cima della, porque é endemica a todos os nossos trabalhos estatisticos e que dependam de cifras. Em tendo de se tratar do positivo em Portugal, nada se isempta do peccado original da nossa ignorancia, que mui vagarosamente vai minorando. É esta essencialmente todo o mal que nos molesta. Alguns elementos vão já havendo, posto que máus, donde se podia ir fazendo alguma coisa, para sondarmos o nosso chãos, e conhecermos, e sabermos, o que temos, e para não continuarmos a esgrimir no ar; mas nenhum desses homens, que se tem attribuido a si, e a quem tambem os outros tem dado a maior importancia na nossa terra, tem consciencia alguma das faltas que os acompanham, e exotica extravagancia até nessas mesmas faltas; é que fazem consistir toda a sua importancia. Qualquer desses homens preconisados para tudo em Portugal poderá ter consciencia, segundo a accepção vulgar da palavra, poderá ter honestidade, será o melhor dos homens, mas ter a especialidade, ou estar em dia com a actualidade de sciencia alguma, era muito derogar da sua hombridade: cessava desde logo a sua aptidão de convenção; não prestava mais para a politica.

O estudo dos nossos mappas municipaes combinado com os fogos de cada um dos respectivos municipios, a área dos concelhos, a decima, as congruas, a despeza para os expostos, e o auxilio das Camaras para o ensino primario da infancia; o simultaneo estudo de todos estes quesitos sería um foco de luzes a inverter sobre a nossa economia publica; um foco de pontas electricas a alumiarem de toda a parte a nossa administração. Todos os poderes do Estado por via deste estudo haviam de esclarecer-se sobre as posses, com que podiam contar em Portugal, e cessaria essa legislação anomala, acephala, anarchica, que tanto nos perturba. Não póde haver duvida sobre as melhoras, que se haviam de sentir na gerencia dos negocios publicos, se se encetasse este estudo, que aqui se indica. Estes mappas municipaes, entretanto, tendo sido mandados publicar, os primeiros, ha cinco annos já, não vemos que uso algum se fizesse delles, quer na tribuna, quer pela imprensa, qualquer a sua côr, quer pelo Governo. A ninguem mereceram de ser consultados estes mappas. Elles são procurados quasi, como se não existissem. A nossa geral vocação não é para taes materias. Uma polemica vaga, mais ou menos pungente; a facécia irritante; as flores de estylo; as pertenções em linguagem; eis ahi os themas da nossa predilecção; mas nos factos ninguem é tão destemido, para que lhe toque: nesses ninguem se dá ao trabalho de bolir.

Os factos que são tudo; que são o esqueleto onde se devem vestir as fórmas da exposição, nesses, ninguem cogita, posto que valha mais a apreciação de um só facto, do que todo o contheudo de tanta resma de papel que se inutilisa com a maior parte das lucubrações, que occupam os nossos prélos da imprensa.

Arduo é dizel-o, mas nem um só Governador Civil quando assignou os mappas das contribuições municipaes do seu respectivo districto, cogitou na utilidade de que elles podiam servir, e por isso devemos suppôr, elles sahiram confeccionados com tanta negligencia, porque eu não quero crêr que os nossos Governadores Civis não sejam para mais.

Só houve um individuo que attingisse o valor destes mappas. Este individuo não era Governador, nem mesmo Secretario era, a sua graduação não passava de primeiro official, e o seu nome, que devo aqui deixar transcripto em memoria para sua honra, era o de Luiz da Fonseca Salgado de Macedo e Costa Leitão. O Sr. Costa Leitão, empregado no districto de Portalegre, é o unico que entendeu que o conhecimento das *forças dos municipios* podia ser de *verdadeira utilidade* (sic.). Este exemplo solitario de nenhum beneficio serviu comtudo, nem para o serviço publico, e muito receio, nem para o proprio declarante que annunciou o valor de taes mappas, por que vendo por ahi tantas e tão celebres promoções, não nos lembra de ter visto a desta pessoa, para nenhum cargo que se fizesse notado pela sua importancia.

Aproveitando da occasião, eu podia demorar-me tempo sem fim, na critica dessa perfunctoria desordem que vae em todo o nosso regimen, mas lembrome de que, quando se escreve (ou se escrevinha) é necessario ter em vista a parte que o leitor poderá dar do seu tempo, que é sempre minima, ao escriptor que pertende chamar a sua attenção sobre qualquer objecto. Esta razão, a da diminuição do tempo, para cada uma dellas, visto que se augmentam, é a causa natural porque o jornalismo é tudo para o nosso seculo, e que nenhum livro ou escripto, perde por breve, presentemente. Esta persuasão fará que eu sem mais delongas passe a entregar-me á especialidade que me serve de texto a este e seguintes artigos.

(Continúa.)

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

PHOTOGRAPHIA EM VIDRO.

16 M. Nièpce de St. Victor communicou á Academia das Sciencias um novo processo de acceleração na arte da photographia sobre vidro.

É sabido que as provas no vidro se obtem barrando a lamina para isso destinada com uma camada de albumina (clara de ovo) que recebe a preparação de nitrato de prata *sensivel*.

O processo de M. Nièpce consiste simplesmente em misturar com a albumina 2 a 3 grammas (20 ou 40 grãos) de mel por clara de ovo, conforme o tamanho, bem como 30 a 40 centigrammas (6 a 8 grãos) de ioduro de potassium.

Quando a demão de albumina, assim misturada, está sêcca, passa-se a chapa pela seguinte composição:

Nitrato de prata	120	grãos.
Acido acetico cristallisavel	240	»
Agua distiltada	$16\frac{1}{3}$	oitavas.

Demora-se a lamina neste banho apenas dez segundos ao muito, lava-se depois cuidadosamente com agua distillada, e põe-se a enxugar no logar mais escuro que fôr possivel achar. Faz-se depois a operação em sêcco pelo methodo ordinario.

Todavia, M. Nièpce recommenda duas precauções na operação photographica:

1.ª Collocar por detraz da lamina de vidro uma tabuinha com fundo branco na camara obscura:

2.ª Pôr a aquecer um pouco o acido galhico afim de activar a acção.

MM. Vigier e Mestral, operando pelo processo precedente, obtiveram a imagem de um objecto aluminado pela luz dispendida no espaço de dois a tres segundos para uma paizagem, e de cinco a oito para um retrato; e isto com um objectivo duplo francez para quarto de chapa. Para a grande chapa normal precisa-se de 40 a 50 segundos, e de 25 a 30 com um objectivo alemão.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXV.

A estalagem do Alémtejo.

(Continuado de pag. 5.)

17 A estas palavras, levantou-se dos respeitaveis membros da casa dos vinte e quatro, que compunham a assembléa, um murmurio de desaprovação e desgosto. O povo não simpathisava com a liga proposta pela França; porque sabia, que a sua principal consequencia era a prolongação da guerra, que havia vinte e seis annos Portugal sustentava com o oiro e com o sangue contra a Hispanha. O capellão do Infante percebeu logo que seguia errado caminho, e, que, em vez de servir seu amo, serviria o valido se o accusasse de não acceitar as propostas de Luiz XIV; e, querendo approveitar ainda a má disposição daquelles homens rudos mas sinceros para o seu fim, que era engrossar o partido que combatia o Castello-Melhor, o astucioso clerigo proseguiu:

— A liga com França, que seria uma felicidade para o reino não chegasse nunca a concluir-se, já está em andamento, e breve será assignada.

— Dizem por ahi, que o Conde está incli-

nado a fazer pazes com Castella — disse um dos da casa dos vinte e quatro — e que é a Rainha, e o conselho de Estado...

— Elle consulta o conselho de Estado, é verdade — atalhou o padre: — O Conde é astucioso, e não quer comprometter-se. Mas a verdade é que a paz não está já feita, por culpa delle: se elle acceitasse as propostas que trouxe o inglez...

— O Sr. Fanchó? — O Juiz do Povo queria dizer Fanshaw. — Isso não eram propostas que se acceitassem cá em Portugal.

— As primeiras de certo que não: mas se o valido apertasse com o Conde de Peñaranda, outras poderia alcançar muito honrosas para este reino. Não se deve consentir por mais tempo no governo tão atrevido ministro — proseguiu, batendo na mesa, o padre José da Fonseca, que desejava dirigir a conversação a assumpto para assim dizer, mais cazeiro, e por isso mais appropriado para a intriga. — Não havemos de consentir que um vassallo se atreva a um principe herdeiro da corôa, e seu senhor natural! Se o não tirarem de ao pé de El-Rei, veremos ir a mais os crimes e as desgraças por essa terra!

— É verdade, é verdade! — barafustou com furia Diogo Cutilada. — Dos crimes ahi temos a prova na crueza com que mataram o meu capitão; que nem o corpo lhe deixaram para ser enterrado em chão bento, os malvados!

— Esses escandalos, e peccados não só em si são máos; devemos tel-os como prognosticos de longo purgatorio, em meio do mundo presente e desse outro mundo de gloria, que as profecias e avisos do céu nos estão cada dia promettendo. Acabemos com os peccados, para diminuir os castigos de Deus.

— Falla-se ainda em prodigios do céu? — disse Diogo Cutilada. — Ouvi dizer, que lá para Melgaço, apparecera um feio signal...

— Sim, appareceu. Era uma espada de fogo verde, que saia de entre duas nuvens pequenas, uma branca e outra vermelha; a espada correu para a parte de Valença do Minho e foi sobre Galiza desfazer-se em raios e coriscos. Este anno de sessenta e seis ha de ser ainda anno de grandes maravilhas. O cometa que appareceu ha dois annos, ainda não produziu todos os seus effeitos, apezar do que o padre Antonio Vieira disse, tinha achado no livro de um antigo philosopho, chamado Ptolomeu.

— E o que dizia o philosopho? — perguntou em tom doutoral, e tossindo magestosamento Fr. Antonio da Redempção.

— Dizia o seguinte: *cum œde ostenta orientalis sunt, et solem antecedunt, et in oriente apparent, celeritatem eventus secuturi significant.* O que, posto em linguagem, quer dizer...

— Que o ser o cometa oriental — atalhou o frade — caminhar adiante do sol, e apparecer no oriente é signal de que não hão de tardar muito os seus effeitos.

— Boa traducção é essa, e que lhe faz honra Fr. Antonio.

Este rasgo de erudição dos dois clerigos foi recebido com pasmo pelos circumstantes. O capellão do Infante, que não perdia um só dos gestos expressivos dos seus ouvintes, notou os signaes de admiração — boccas abertas, olhos esbugalhados, e dedos ora estreitamente engranzados para apertar as mãos umas ás outras, ora tateando vagamente os objectos que estavam espalhados pela mesa — com que lhe escutavam, sem no intenderem, um mal apreciado texto latino, que elle havia offendido com mais de uma sillabada. Desejoso, porém, não de ostentar erudição senão de catequizar homens que mal sabiam lêr, o astucioso padre resolveu comsigo pôr de parte vaidades, e fallar ao geito dos que o escutavam.

— Ha tempos que se não falla de prodigios, nem de prophecias — disse Antonio de Belem. — Desde a tal espada de Melgaço, que, ha bem uns tres mezes que appareceu, nunca mais se fallou em signaes do céu.

— Não é tanto assim — replicou o padre. — Apezar de estarmos ainda no tempo fatal de que fallam as trovas do Bandarra:

> A linhagem dos fidalgos...

— Sim, sim. Bem me lembra — atalhou o Cutilada —

> A linhagem dos fidalgos
> Por dinheiro é trocada,
> Vejo tanta mixturada,
> Sem haver chefe que mande;
> Como quereis que a cura ande,
> Se a ferida está damnada.

— Apezar da ferida estar damnada, já começam a apparecer signaes de cura. Não sabeis ainda da visão de Bartholameu Pincho, o lavrador do Algarve?

— Não. Não sabemos — responderam todos.

— Pois eu vol-a conto.

Os convivas largaram os cópos, puxaram os bancos para mais perto da mesa, encostaram-se á mão, e escutaram:

— Bartholameu Pincho é, como vos disse, um pobre lavrador do Algarve, temente a Deus, e simples como um rustico, que é. Mas Nosso Senhor não escolhe para os seus milagres os mais sabedores e ricos de espirito, senão os mais innocentes e que maior fé tem na sua misericordia.

— Seja Deus louvado! — murmurou Fr. Antonio, levantando os olhos ao céu.

— Este tal lavrador andava, ha já vinte oito annos, dois annos antes da feliz acclamação do Sr. D. João IV...

— Que Deus tenha em gloria — disse o Juiz do Povo.

— Que Deus tenha em gloria — repetiu o Padre. — Como ía dizendo, o bom do homem andava lavrando uma fasendita, que tinha arrendado a um convento, quando veio pousar diante delle, no chão, quasi debaixo dos pés dos bois, uma ave branca, branca como neve...

— E elle o que fêz?

— Apanhou-a?

— Não, não a apanhou; ficou maravilhado do que via, por que ave tão linda nunca por aquelles campos tinha apparecido. Os bois pararam tambem; e a ave fallando com voz suavissima, disse...

— Pois o passaro fallou? Que me diz, Sr. Padre José? — perguntou um dos ouvintes, menos credulo.

— Fallou. Aquillo sempre foi um grande prodigio! Fallou e disse: « Portugal, Portugal! has de ter rei portuguez e natural. »

— Grande maravilha!

— Por tal a teve o pobre Bartholomeu Pincho. Temente a Deus como era, teve receio de que fosse o diabo que em fórma de passaro o quizesse tentar, e perdel-o. Que naquelle tempo, em que os hispanhoes nos governavam, não era graça fallar em rei portuguez...

— É bem verdade — confirmou Antonio de Belem. — Mais de um foi á forca por menos do que isso.

— E outros appareceram afogados no Téjo.

— Para se livrar de escrupulos, e de medos Bartholameu Pincho foi direito ao collegio de Jesuitas de Faro, onde tinha um irmão, e contalhe tudo, tal qual se tinha passado.

— E o irmão o que lhe disse?

— Conta-se que o irmão, como homem de bom juiso que era, lhe aconselhou, que pedisse a Deus um signal, de que não era o diabo, que lhe havia fallado.

— E veio o signal, hein! — disse Fr. Antonio da Redempção.

— Claro está que veio. O signal foi uma cruz de cera, com lettras mysteriosas, que o bemaventurado lavrador achou á noite debaixo do travesseiro.

— Bem se vê, que a tal ave não era o diabo.

— Uma cruz nunca foi signal de coisas más — accudiu sentenciosameute o Juiz do Povo.

— E a prophecia cumpriu-se, como todos vimos.

— É essa a visão de Bartholameu Pincho, de que v. m. nos queria fallar? — perguntou o incredulo, que no começo interrompêra a narração do Padre José da Fonceca. — Uma coisa que já lá vae ha tanto anno!

— Verdade é que o primeiro milagre... milagre se póde chamar tão estranho prodigio, ha muito anno, que succedeu — atalhou o capellão de Sua Alteza, a quem as observações do incredulo não faziam perder o sangue frio. — Mas a ultima...

— Pois esse bemaventurado lavrador foi segunda vez visitado pela ave prophetica? — perguntou Antonio de Belem.

— Haverá um mez, se tanto, que Bartholameu Pincho, andando a lavrar, viu outra vez a ave branca pousada no cimo de uma larangeira.

— Fallou-lhe? Prophetisou algum successo extraordinario para breve?

— « Portugal terá rei novo — disse a ave branca com voz suavissima, — olha para o sol e vê. » Então Bartholameu ergueu os olhos e viu no sol o vulto immenso de um rei, coberto com um arnez de ferro brunido e luzente, que despedia faiscas de tão viva luz que os olhos mal a podiam suportar. « De longe, de incuberta ilha ha de vir o novo rei em frota immensa, escondido por denso e serrado nevoeiro — proseguiu a mysteriosa voz. — Do cabo de S. Vicente, onde ha de desembarcar, a Lisboa, o seu transito deixará na terra indelevel rasto de sangue, e de sangue serão innundadas as ruas da futura capital do mundo. As terras da Africa serão conquistadas pela espada do novo rei; e em Jerusalem lhe será confiada a coroa do Imperio Christão. »

— É mais uma prophecia, que nos promette a

chegada d'El-Rei D. Sebastião — exclamou Diogo Cutilada. — Não tarda o dia em que:

Começará a ventura
Do Imperio mais lusido,
Deste Infante esclarecido
Que promete a escritura.

— Ainda nenhum de vós ouviu fallar de um livro escripto pelo celebre Padre Vieira, intitulado o *Quinto Imperio?* — perguntou o capellão de Sua Alteza.

— Ouvi eu.

— E eu.

— É por causa desse livro do *Quinto Imperio*, que o Padre Vieira foi chamado em Coimbra ao tribunal do Santo-Officio — dissé o Juiz do Povo. — E, dizem, será condemnado a rigorosas penas, por não querer desistir nem retractar nenhuma das proposições que escreveu.

— Eu li o livro, por uma copia que me mandou um amigo meu de Coimbra — accrescentou Fr. Antonio da Redempção, — e posso affirmar, agora aqui que ningnem nos ouve, que o livro é bom de lei; todo fundado em prophecias de santos, e nas trovas do Bandarra...

— Então se V. R. tem o livro ha de estar lembrado do modo, por que aquelle grande prégador interpreta as prophecias — disse o Padre José da Fonseca. — Não é El-Rei D. Sebastião, que ha de voltar d'Africa para ser Imperador: ao Sr. D. João IV, é que pertence a corôa, como o prova o Padre Vieira.

— Mas o Sr. D. João IV já morreu! — atalhou o incredulo, rindo á socapa.

— Deus fará o milagre de o ressuscitar. É o que se conclue das proprias palavras do Bandarra.

— Grande milagre será esse.

— Maiores os tem feito Deus. E a promessa de Christo, quando appareceu a D. Affonso Henriques, nenhuma duvida nos deixa, de que o mundo está para vêr um grande prodigio. D. João IV ressuscitará um dia para dar principio ao Imperio temporal de Christo.

— Amen! — accrescentou Fr. Antonio.

— Tenhamos fé nas promessas divinas; mas não consintâmos que por mais tempo o crime e o peccado se assentem ao pé do throno! — exclamou o Padre. — O valido causará a perdição do reino; e fará talvez com que Deus, em vez de nos fazer o primeiro, nos condemne a ser o ultimo povo da terra.

— Jesus, Maria! Que máo agoiro esse! — bradou Antonio de Belem.

— Quem nos ha de livrar de tão grande perigo? — perguntou o estalajadeiro.

— Nossa Senhora da Guia nos encaminhe bem — disse um.

— Quem nos poderá valer! — bradou outro.

— Soceguem — atalhou o Padre José que víra com alegria o vago e supersticioso terror, causado pelas suas hypocritas palavras. — Não percam ainda a esperança. Deu-nos Deus um principe virtuoso, illustre nas sciencias, zeloso da religião, e do bem da patria, de agudo engenho e prudente juizo, um principe em fim perfeito, para nos livrar dos castigos que nós, por nossos peccados, mereciamos. O Sr. Infante é o anjo tutelar de Portugal...

— Viva o Sr. Infante! — bradou o Juiz do Povo.

— Viva! — responderam todos pondo-se de pé.

Então troou pela sala o estampido de muitas vozes que bradavam, a qual mais forte, vivas e louvores ao Infante D. Pedro. Deste frenetico enthusiasmo foram em parte causa os astuciosos discursos do Padre José: mas, é força confessal-o, ao vinho do Mestre Pedro, se podia attribuir o que nelle havia de mais exaltado.

O cangirão monstruoso, que o estalajadeiro por tres vezes enchêra de espumoso vinho de Lavradio, durante a ceia, foi n'um instante despejado pelos sedentos amigos do Juiz do Povo: e o esferico Mestre Pedro recebeu quarta vez ordem de ir á adega buscar um almude de fervor patriotico para a assembléa.

— Não é tempo ainda de travarmos lucta com os inimigos do reino, — disse alevantando a voz o capellão de Sua Alteza. — El-Rei, mal aconselhado, cercado de cortesãos desleaes, não quer affastar de si esses valídos, que lhe estão deshonrando a corôa, e deslustrando a gloria do seu reinado. Esperemos. Quando fôr tempo, Antonio de Belem, nosso honrado Juiz do Povo, em quem todos temos confiança, que todos apreciamos e nos honramos em ter por amigo, e que Sua Alteza o Sr. Infante honra com a sua confiança, vos dirá o que deveis fazer. Vamos a beber á saude do honrado defensor do povo. Viva Antonio de Belem!

Com o braço esquerdo o Padre abraçava o Juiz do Povo, com o direito levantava o copo acima da cabeça, bradando — Viva Antonio de Belem!

E todos, em altas vozes, respondiam — Viva Antonio de Belem! Viva o honrado Juiz do Povo!

Neste momento o estalajadeiro entrou na sala, carregado com o immenso cangirão a transbordar de vinho, o que fez recrescer a alegria, os brados, as gargalhadas, e o enthusiasmo dos dignos representantes dos officios da cidade.

Logo que poz no centro da meza o cangirão, não sem dificuldade, porque todos o queriam ajudar e poucos conservavam ainda nos movimentos a diligencia e firmeza necessarias para tão difficil empresa, Mestre Pedro chegou-se ao Juiz do Povo, e, batendo-lhe no hombro, disse-lhe ao ouvido: — Esperam-n'o lá dentro.

— Já? — perguntou Antonio de Belem.

— Já, sim. Vá de pressa, não os faça esperar — disse o Padre José da Fonseca, que ouvíra as palavras do estalajadeiro.

— Vou, vou, sem demora — murmurou Antonio de Belem, lançando olhos saudosos ao cangirão.

E passando desapercebido por detraz dos seus convidados, que aparavam nos copos o vinho que corria a jorros da vasilha monstruosa, o Juiz do Povo saiu da sala, precedido de mestre Pedro.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

A MINHA IRMÃ.

Elle aussi! Dieu l'a rappellée! ....
(Victor Hugo.)

18 Quem não ha-de ser poeta
Quando falla o coração? . . .
Quem não ha-de sentir tanto
Sendo tão grande a paixão? . . . .

Vi-te quasi moribunda,
E já sem vida e sem côr. . . .
Beijei-te. . . . não me sentiste. . . . .
Ah! não se morre de dôr!

Ai! se visses como eu vi
O triste adeus que me dava!
Volvendo os olhos mortiços
Para quem tanto a adorava!

Semi-abertos seus labios,
Mas sem me dizerem nada!
Arfando o seio convulso
A mão fria e descarnada!

Perdi-te na terra, amiga,
Ó minha irmã, meu thesouro;
Chorar por ti como eu choro,
Minha irmã, não é desdouro.

Morreste! Cobriu-te a Virgem
Com seu puro e santo véu;
Levou-te assim dos meus braços
P'ra ter um anjo no céu.

Eu vi-te a sombra ligeira
Pelos espaços voar;
Onde hei-de agora adorar-te?
Onde tens o teu altar? . . .

M. JUNIOR.

CANTICO DA NOITE.

19 Sumiu-se o sol esplendido
Nas vagas rumorosas!
Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas!
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão!
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto!
Alabastrina lampada,
Lá sóbe a lua! Emtanto
Gemidos d'aves lugubres
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos
Saudosos devaneios!
Hora, que aos gostos intimos
Abres os castos seios!
Infunde em nossos animos
Inspirações da Fé!
De noite, se um revérbero
De Deus nos allumia,
Distilla-se de lagrimas
A prece, a profecia!
Alma elevada em extasis,
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito
Olhos nos serre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,
Já rindo, e já medonhos,
Hora dos céus, conversa-me
No extincto e no porvir.
Onde os que amei? sumiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.
D'elles, só vans memorias;
De mim, só resta um nome.
No abismo do preterito
Desfez-se chôro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
Brotaram de alegrias!
Desfez-se! e quantos jubilos
Nasceram de agonias!
Teu fundo, ó Providencia,
Quem o sondou jámais?
Que horas d'est'hora tacita

Me irão desabrochando?
Quantos não fez cadaveres
N'um leito o somno brando!
Vir-me-hão co'a aurora proxima...
As saudações? Os ais?

Se o penso, tremo; aterro-me.
Porém, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto; já não tremo.
A alma lhe dou; reclino-me
No somno sem pavor.
Chama-me? ascendo á patria;
Poupa-me? aspiro a ella.
Servir-te! ou ver-te, e amarmo-nos!..
Que sorte, ó Deus, tão bella!
Vem! cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor!

A. F. DE CASTILHO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

BIOGRAPHIA DE BALZAC.

20 A *Semaine* do 1.º do corrente insere a seguinte nota biographica: —

«Por espaço de mais de dez annos, Mr. de Balzac occupou o primeiro grau na litteratura; as suas obras eram avidamente procuradas pela curiosidade publica, e a sua proverbial fecundidade fornecia abundante pasto á impaciencia dos leitores.

Apenas tinham decorrido alguns annos depois dessa epocha de triumphos, e sem que o talento do auctor de *Eugenie Grandet* houvesse desfallecido, sem que a sua imaginação se esgotasse, Balzac morreu no silencio e quasi em esquecimento: o rumor deste acontecimento litterario causou subita impressão, trazendo á memoria a recordação daquelle que por tanto tempo o publico idolatrára, porém, á excepção de pequeno numero de almas não vulgares, a mui poucos importava, durante a longa enfermidade do escriptor, saber dessa vida que fenecia lentamente, facho proximo a extinguir-se.

Merece menção este singular contraste, bem como devem examinar-se as phases da existencia laboriosa da pessoa a que diz respeito.

Honorato de Balzac nasceu em Tours aos 20 de maio de 1799, nessa festiva Touraine, que produziu Rabelais, a que o moderno romancista se assemelhava em mais de uma feição physiognomica. Cursou os estudos do collegio de Vendôme; e deixou no Luiz Lambert a interessante narrativa dos successos de sua mocidade. Deu-se mui cedo aos trabalhos litterarios; mas, em taes ensaios, nada havia que indicasse o talento superior que revelou mais tarde.

Chegado a Paris, foco luminoso que attráe todas as almas sublimes, Balzac não conseguiu romper a sua obscura situação, e teve de entregar-se, para subsistir, áquella vida aventureira, de que fez um quadro arrebatador na *Peau de chagrin.*

Por outro lado, nessa epocha, o espirito de observação, a intelligencia profundamente analytica, a especie de anatomia moral que estabeleceram a reputação europea de Balzac, tinham pouca probabilidade de prender a attenção dos leitores. Quanto ao romance, vogavam as obras de Ducray-Duminil; quanto ao drama, as carregadas e falsas concepções de Pixérécourt. Pigault-Lebrun e Victor Ducange fizeram esquecer as obras primas do seculo precedente.

Toda a litteratura tinha certa insipidez e falta de colorido, e o quer que era contrario á natureza e á verdade; e os leitores estavam de tal modo habituados a esse genero, que outro qualquer lhe parecia detestavel.

Por tanto Balzac ficou por algum tempo obscuro e ignorado: não obstante isso, tentou a fortuna litteraria, e publicou alguns romances que (cumpre dizel-o francamente) eram de certo inferiores aos dos auctores que acabámos de citar.

Impressor como Restif de la Bretonne, como Paulo Luiz Courier, e Béranger, escreveu obras em que não ousou pôr o seu nome: Viellerglé, lord Rhoane, Horace Saint-Aubin, etc., foram alternativamente os pseudonymos com que appareceu ao publico. Mas o publico permaneceu indifferente; mais de trinta volumes, dados á luz pelo mancebo escriptor, não tiveram poder para excitar a mais leve aura de nomeada em volta daquelles nomes desconhecidos!

Mas, já se effectuava no mundo litterario uma revolução, em que o romance tomava decididamente logar triumphal. A sociedade profundamente revolvida pelos abalos politicos e philosophicos, passára da theoria dos principios á acção, e queria achar este movimento ardente em toda a parte a que se encaminhava a sua actividade. Sobre tudo com fervor a verdade, a analyse dos dogmas como a das paixões. Portanto, na ordem litteraria, o romance e o dogma eram os unicos capazes de produzir esses quadros movediços, essas scenas fervidas, essas vigorosas acções, em que a sociedade podesse reconhecer-se, e verificar a sua identidade. Já lá iam ha muito os tempos do idylio, do madrigal, da epopea mythologica, dos poemas didacticos, etc. A commoção litteraria, como a politica, não podia nascer dahi por diante senão de factos arrebatadores e de intimo interesse. O romance veio a ser a divindade da epocha, a necessidade do momento; em breve desenthronisou todos os outros generos litterarios: entrou pelos salões, ingeriu-se no lar domestico e até na choupana, com as suas paixões, as suas abrazadoras analyses do coração humano, e a final reinou sem parceiro.

Até a politica, a pouco e pouco mingoada por este rival invasor, teve de lhe ceder largo espaço nos seus orgãos quotidianos para satisfazer a necessidade vehemente que abrangêra a sociedade geralmente.

O homem que soubesse comprehender a nova ordem social, devia conquistar em pouco tempo uma posição eminente; carecia, porém, de reunir, a uma intelligencia immensa, fecundidade desmesurada. Balzac foi esse homem. Em 1829 effectuou-se essa revolução na sua existencia, até alli pobre e desamparada.

O Dernier Chouan, romance historico, foi a primeira obra consagrada pelo applauso, que grangeou

a attenção publica ao pseudonymo Horace de Saint-Aubin. Desde então, as *Revistas*, recente importação de Inglaterra, franquearam-se ao novo escolhido; o talento de Balzac seguiu o impulso da guerra popular. O *Enfant maudit*, bosquejo mais vigoroso e mais original, revelou um novo passo de progresso daquelle genio que tanto tempo jazêra na obscuridade.

Em breve, pôde Balzac dedicar-se á total independencia de seu pensamento; a auctoridade de seu nome, cada dia mais poderoso, os applausos da multidão, a certeza do triumpho, lhe inspiraram aquella confiança de si proprio, aquella especie de orgulho que tanto influe no genio, e que é uma garantia de prospero exito. Dahi por diante não se interromperam os seus triumphos, e o favor do publico não o abandonou um instante, ainda nas suas producções mais extravagantes, e quasi que nos inclinamos a dizer mais disparatadas.

Quem estará esquecido da grave impressão que fazia cada uma das suas obras? Com que avidez se liam esses profundos e trabalhosos estudos moraes, alternadamente ternos e melancolicos, terriveis e zombeteiros, carregados e fantasticos, que nos revelavam todos os aspectos da sociedade, todos os mysterios do coração humano, todos os desenvolvimentos das paixões! São as *Scènes de la vie privèe*, o *Peau de Chagrin*, as *Scènes de la vie de province*, o *Médecin de campagne*, as *Scènes de la vie parisienne*, os *Etudes philosophiques*, o *Père Goriot*, o *Lys dans la vallèe*, o *Cesar Birotteau*, o *Curé de village*, e sobre tudo *Eugènie Grandet*, esse livro que bastaria para a reputação de um escriptor, e que permanecerá sem rival entre os romances do seculo presente!

(Continúa.)

THEATRO DE S. CARLOS.

21 Finalmente temos a satisfação de noticiar, que hoje 18, se assignou a Escriptura, pela qual a Empreza do Real Theatro de S. Carlos foi concedida ao Sr. Cambiaggio, e Comp.ª Só muita perseverança poderia levar ao cabo este negocio, tão demorado e contrariado. A muita confiança que temos nos optimos desejos da nova empreza, nos garante que a estação theatral se não resentirá dos embaraços, que diversas causas produziram para contrariar o bello pensamento de rehabilitar o credito artistico do Theatro de S. Carlos.

SUICIDIO.

22 A 6 do corrente ao amanhecer, um dos soldados da patrulha que rondava no Largo das Chagas, pediu licença ao arvorado, e caminhou para a porta da sacristia: poucos momentos depois o seu companheiro ouviu um tiro e correndo para o sitio, encontrou o seu camarada morto, que descalçára a bota para disparar o tiro com o pé. A balla entrou-lhe por baixo da barba. Ignora-se a causa desta desgraça.

PRISÃO POR VONTADE.

Escreve-nos de Loulé, o Sr. João José Jara, a seguinte e curiosa noticia: —

. . . .

23 Não fecharei esta minha carta, sem lhe dar uma noticia que por esta terra é rarissima — eil-a ahi: No dia 4 deste mez falleceu no seu quarto reservado, a Exm.ª Sr.ª D. Maria Paula Lobo Pessanha, viuva do Coronel Francisco de Paula Lobo, um dos mais ricos proprietarios desta Provincia. Era senhora das mais nobres de Coimbra. Esta Sr.ª desconfiando que seu marido lhe era infiel, lhe atirou um tiro de pistola, ha já quarenta e nove annos; e não lhe acertando, apesar de descarregar cara a cara, se foi metter no seu quarto, donde sahiu para a sepultura, não sendo vista desde então de pessoa alguma. É de notar que durante este longo periodo não sentisse o menor incommodo em seu corpo; e só foi visitada pelo Facultativo quando já tinha perdidas as faculdades intellectuaes, e por isso só pôde ser ungida.

FOME E CALOR.

24 Temos muitas vezes sustentado que a beneficencia publica é um dever do Estado.

Quereis uma entre milhões de provas?

Eil-a: —

A *União* de 7 do corrente, publica a seguinte noticia.

— *Escrevem de Palmella ter apparecido morta, em rasão do calor e da indigencia, uma pobre rapariga que acompanhava uma cega.*

EMIGRAÇÃO IRLANDEZA.

25 A emigração pelo porto de Dublin, e pelos outros principaes da Irlanda, tem augmentado desmedidamente; desenvolveu-se logo no principio de Agosto passado, em consequencia da ruim colheita do trigo e das batatas; nos ultimos dias do mez, a estação do caminho de ferro de Waterford a Limerick, estava atulhada de emigrados.

Os wagons de 3.ª classe enchiam-se de homens e mulheres, que choravam dizendo adeus á patria e a seus amigos.

ASSASSINATOS.

26 É para lamentar o ver, como por vezes em as nossas provincias, a vida se paga na ponta de uma faca, ou na bocca de uma arma por causas até insignificantes. Em Tibães porque um homem cortava um rego de agua, o visinho que a julgava sua propriedade, toma uma espingarda para resolver a questão — seu filho acode e quer salvar o visinho, mas o tiro parte, e o generoso mancebo cahe morto.

O pae que o vê aos pés envolto em sangue — não

lhe acode no ultimo alento, e carregando novamente a espingarda a desfecha e mata o homem que seu filho havia tentado salvar. Neste duplo e incrivel crime se percebe a falta da educação moral que os povos reclamam com taes factos, quando não a tem recebido a tempo. Em Servelhe, districto de Braga, foi morto um pobre rapaz pelo proprietario de uma vinha, em que estava comendo uvas. Não nos consta que fossem capturados os dois assassinos.

ALFANDEGAS DOS AÇORES.

27 O rendimento no anno economico decorrido do 1.º de Julho de 1849 a 30 de Junho de 1850 foi:

Alfandega de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) .... Rs.	87.351:036
Dita de Angra do Heroismo (ilha Terceira)	34.151:895
Dita da cidade d'Horta (ilha do Fayal)	37.511:299
Total... Rs.	159.014:230

Sendo a Alfandega do Fayal a de menor rendimento dos Açores, apresenta hoje uma extraordinaria receita, o que (segundo o Angrense) é certamente devido á boa fiscalisação do seu actual administrador, o Sr. João do Carvalhal Noronha e Frias.

DE LONDRES A NOVA-YORK.

28 A *Chronicle* de Nova-York dá conta nos termos seguintes de um projecto para abbreviar a viagem entre Londres e aquella cidade.

«Já não bastam as rapidas e frequentes communicações entre este porto e o de Boston com Liverpool por meio dos vapores das carreiras Cunard e Collins. Tracta-se actualmente de dar um grande passo para a economia do tempo que se gasta no trajecto de Liverpool á America. Este plano, que não é difficil realisar como se vê das respectivas demonstrações, encurtaria consideravelmente a viagem, e redundaria além disso em notorio proveito de muitas povoações da União americana.

«Varias pessoas de Portland apresentaram recentemente um memorial á legislatura do estado do Maine, agora reunida em Augusta, para que faça reconhecer o terreno por onde póssa abrir-se o caminho de ferro mais curto entre Bangor e os limites orientaes do estado do Maine na direcção da cidade de S. João (Nova-Brunswick). O objecto é estabelecer uma linha de communicação entre Bangor e um porto da costa oriental da Nova-Escocia ou Cabo Bretão, o qual serviria de estação intermediaria entre a Europa e a America do norte.

«Desde o ponto do littoral da Nova-Escocia mais ao leste, que é Cabo Canso, situado aos 45° 17′ de latitude norte, e aos 61° 3′ de longitude occidental, até o porto de Galway na Irlanda, aos 53° 13′ de latitude norte, e 9° 13′ de longitude, a distancia é de duas mil milhas aproximadamente. Suppondo que os vapores atlanticos navegassem a razão de 17 milhas por hora, termo medio, o tempo necessario para effectuar o trajecto entre os dois continentes seria cinco dias.

EM QUE RELIGIÃO VIVEMOS?

29 Se continuarmos a ser catholicos, como é de esperar, não devemos deixar que ao povo falte a missa que symbolisa o mais augusto systema da christandade. Consta-nos que pelo reino se levantam algumas queixas fundadas a tal respeito, e aqui mesmo perto de Lisboa temos dois factos para prova do que dizemos. Em Porto de Muge, o capellão que dizia a missa aos domingos foi para banhos ou para as festas da Nazareth, e como não deixou quem o substituisse, já domingo o povo ficou sem missa. Em Porto Brandão, ha muitos annos que rara é a pessoa que ouve missa, pois que na povoação se não diz, e é mister vir a Belem ou á freguezia que lhe fica uma legua distante. Não é mister citar a quem compete tomar conhecimento do que deixamos escripto, que versa sobre materia grave e que não póde ser esquecida sem prejuiso dos bons costumes publicos.

NOVAS MINAS.

30 Confirmam muitos jornaes americanos a noticia de que se descobriram minas de oiro de grande riqueza, na provincia de Guayana não longe do rio das Amazonas. Os principaes stratos ficam proximo á cidade de Tupuquen: a exploração que ha pouco emprehendeu D. Pedro Monasterio não deixa a menor duvida. Um só individuo colheu 138 onças do mineral precioso. Escusado é dizer que já começou a emigração para aquelle afortunado territorio.

COLONIA CATHOLICA.

31 Monsenhor Rapp, bispo de Cleveland, nos Estados-Unidos, e natural da cidade de Arras, acaba de sahir de França, onde passou alguns mezes, levando comsigo uma colonia de 20 pessoas, ecclesiasticos, irmãos da doutrina christã, irmãs da caridade e alguns leigos. Todos esses obreiros evangelicos vão mui dispostos a ajudar M. Rapp na diocese que elle creou ha coisa de 15 annos, e que já conta 35,000 catholicos.

ESTATUA COLOSSAL.

32 Segundo um jornal de Francfort, esta estatua que representa a Baviera, e que deve ser collocada sobre a montanha de Suddling, excede por suas proporções gigantescas, todas as obras dos modernos. Não póde ser transportada da fundição de bronze, onde foi vasada, para o local de seu destino senão por partes; e para conduzir cada uma das peças não são precisas menos de oito parelhas de cavallos. Dentro da cabeça poderiam duas pessoas dançar a polka commodamente, e em o nariz se collocaria com facilidade o musico que tocasse. A grossura da toga, que

desce até o tornozello, formando uma roupagem magnifica, é de seis pollegadas, e a roda deste vestido em baixo, tem perto de 200 metros (908 palmos). A corôa da victoria que a Baviera sustenta na mão péza 10 quintaes. Este colosso é obra do celebre Schwantaler.

BOLETIM COMMERCIAL.

33 — *Praça de Lisboa*, 18 de Setembro. — Fundos publicos de 5 por cento, 48½ a 49. — Acções do Banco de Portugal, 366$000 a 368$000 rs. — Acções do Fundo de Amortisação, 35 a 37. — Desconto de Notas a 260 a 280.

— *Estado do mercado*, em 18 de setembro. — Algodão de Pernambuco 125 a 130 rs. — Dito do Maranhão 125 a 130 rs. — Dito da Bahia 120 a 125 rs. — Pará 120 a 125 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Assucar de Pernambuco B. de 1.ª e 2.ª sorte, 1$500 a 1$650 rs., dito de 3.ª e 4.ª dita, 1$400 a 1$450 rs., dito de 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$350 rs. — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$300 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$275 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado superior 1$100 a 1$150 rs., dito inferior 950 a 1$050 rs. — Limitam-se as vendas simplesmente para o consumo do paiz.

Cacáu 1$600 a 1$650 rs. — Não nos consta que houvesse vendas: — é pouco procurado.

Caffé do Rio. — 1.ª sorte, 2$600 a 2$700 — 2.ª dita 2$300 a 2$350 rs. — 3.ª dita 2$100 a 2$200 rs. — Pequenas vendas para o consumo.

Cêra de Angola B 250 a 255 rs. — Dita A. 225 a 230 rs. — Effectuaram-se algumas vendas para reexportar.

Marfim de lei 1$050 a 1$200 rs. — Dito meão 850 a 950 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Realisaram-se algumas vendas para reexportar.

Urzella 7$200 a 7$400 rs. — Houveram algumas vendas para embarque.

— *Vinho exportado pela barra do Porto nos mezes seguintes:*

JULHO.

	Vinho.		
	P.	*A.*	*C.*
Grã-Bretanha	1420	17	9
Estados-Unidos	116	16	15
Brazil	79	5	4
Hamburgo	116	12	6
França	1	9	7
Dinamarca	8	—	—
Suecia	10	16	5
Russia	4	2	2
Terra-Nova	—	12	10
Quebec	4	1	6
Possessões portuguezas	4	12	—
Portos do reino	—	8	4
	1852	5	2

AGOSTO.

	Vinho.		
	P.	*A.*	*C.*
Grã-Bretanha	2086	11	6
Estados-Unidos	16	12	—
Brazil	271	3	10
Hamburgo	2	5	3
França	2	—	—
Hollanda	45	1	—
Bremen	23	11	9
Russia	8	15	9
Dinamarca	14	14	2
Angola e Loanda	11	10	6
Ilhas dos Açores	—	5	—
Portos do reino	1	3	3
	2438	4	—

FUNDOS ESTRANGEIROS.

34 *Londres.* Os consolidados inglezes tiveram uma baixa de um oitavo por cento. No dia 8 estavam a 96⅛ e 96¼.

Paris. Por parte telegraphica recebida na bolsa de Madrid com a data de 10, constava que os fundos francezes regulavam — os 3 por cento a 57 fr., 80 c. e os 5 por cento a 93 fr., 40 c.

Madrid, 14 de Setembro. Titulos de 3 por cento a 34 — ditos de 4 a 13½ — ditos de 5 a 14 por cento. As acções do banco de S. Fernando eram procuradas pagando-se a 90½ por cento em dinheiro.

Preços da Praça de Santos em 6 de Julho.

Generos de exportação.

		Rs.	
35 Arroz de Santos	3:000 a	3:600	o alqueire.
Agua-ardente, idem.	60:000 a	70:000	a pipa.
Dita do interior	50:000 a	60:000	»
Chá	600 a	800	a libra.

Generos de importação.

Azeite doce	2:000		a medida.
Farinha de trigo	10:000 a	12:000	por ½ barric.
Sal grosso ensacado	1:040 a	1:080	o alqueire.
Vinho de Lisboa	175:000 a	180:000	a pipa.
Vélas de sebo	7:000 a	7:500	a caixa.

EXPEDIENTE.

— Recebemos o 1.° N.° do jornal — *El Trabajador* — que substitue — *El Amigo del Pueblo.*

— Recebemos tambem os primeiros n.os do *Mercantil* — jornal da Bahia.